"O meu crime é lá fora": Um estudo sobre a experiência dos adolescentes com a internação provisória no CENSE Dom Bosco[1]

Luana Almeida Martins (PPGSD - UFF)

> **[Luana]** Quanto tempo você tá preso?
> **[Caio[2]]** To.. acho que uma semana e pouco... quase três semana.
> **[Luana]** Aqui o número de adolescentes fica sempre entre 300, 330, por aí, né?
> **[Caio]** É por causa de que também tem as outras cadeias, da internação, é por causa de que aqui é provisória.
> **[Luana]** E eu acho que também tem a questão das audiências... Você foi para o juiz, quando foi preso?
> **[Caio]** Fui. Antes não era assim.. Antes tu vinha direto pra cá e audiência era marcada pra tu poder ir. Agora não, agora tu vai preso, vai pra DPCA [Delegacia de Proteção à Criança e Adolescente], da DPCA tu vai direto pro Fórum do Centro da Cidade, na Praça XV. Vai direto pro Fórum. DPCA é a delegacia mesmo pra Crianças e Adolescentes, no Centro da Cidade também. Delegacia pra Crianças e Adolescentes. Aí depois vai pro CTR[3], que é a triagem, tu passa lá até ser transferido... É aqui do lado. Passa lá até vê o dia da sua audiência de novo. Se na primeira audiência, tu ganha continuação, lá tu vai fazer o *bill* e vai vim pra cá. Aí daqui tu vai ter tua audiência, aí depende, se tu ganhar internação. Depende da medida que a juíza te dá. Se ganhar internação, tu sobe pro ESE [Educandário Santo Expedito] ou pro CAI Baixada [Centro de Atendimento Intensivo Belford Roxo], ou pra Mansão, que é EJLA [Escola João Luiz Alves]. Aí então, ou tu vai liberado da primeira audiência, ou ela te dá continuação pra tu ficar aqui até o próximo. Foi o meu caso, ela me deu continuação até dia 29. Aí dia 29 que eu vou ver o que vou ganhar, se vou ganhar liberação, [ou se] vou ganhar internação[4].

Uma unidade provisória guarda em seu próprio nome a marca da temporalidade. A fala de Caio demonstra a configuração de um lugar que é marcado pela suspensão de algo a ser definido, sendo, portanto, um lugar de expectativa ou um ponto de passagem. A internação provisória reflete um momento de espera no qual o adolescente aguarda uma audiência com um juiz para que seu futuro próximo seja definido. *Ganhar uma internação* ou uma *liberação* são algumas das possibilidades que o adolescente possui durante aquele período em que se encontra ali.

---

[1] V ENADIR, GT. 10 - Justiça juvenil, adolescentes em conflito com a lei e instituições de internamento para jovens.
[2] Os nomes dos adolescentes foram alterados para preservar suas identidades.
[3] Os adolescentes sempre faziam menção às Unidades pelo antigo nome. O CTR, por exemplo, hoje se chama Centro de Socioeducação Gelso de Carvalho Amaral (CENSE-GCA), mas todos falavam em CTR e por isso optei por dar preferência à nomenclatura antiga em meu texto, para tentar dialogar de forma mais clara e coerente com a fala dos adolescentes.
[4] Tentei manter as transcrições o mais próximo possível da fala dos adolescentes, em termos fonéticos, morfológicos e sintáticos com o objetivo de deixar o texto mais sonoro.

Entretanto, pensar o Dom Bosco, ou melhor, o Padre Severino[5], somente como um local de espera para cumprimento de uma medida socioeducativa futura, não dá conta da percepção dos adolescentes sobre aquele espaço, que pode já ser considerado, por si mesmo, uma punição[6]. O tempo máximo de até quarenta e cinco dias da internação provisória pode significar um período relativamente longo se considerarmos que a maioria dos adolescentes não fica mais de seis meses na internação.[7] Então, a expectativa transborda os espaços do Sistema Socioeducativo e passa a se conectar com o que se espera para além do cumprimento de medidas: ter filhos, sair ou continuar *no crime,* voltar a estudar, dar um futuro melhor para a família, ou voltar para uma guerra entre facções que continua lá fora.

Assim, uma unidade provisória pode ser entendida como um lugar de expectativa de uma medida socioeducativa dentro do sistema, e também como um lugar de punição, onde se pensa a vida fora dele. Além disso, é um momento em que conecta o passado, que gerou a internação, com o futuro, em relação ao que se espera, isto é, um ponto de passagem. Dessa forma, busco refletir em que medida essas ambivalências se equacionam nas falas dos adolescentes e interferem na percepção que eles têm daquela experiência, o que ocorro no tempo presente.

Neste artigo, portanto, busco pensar a experiência da internação provisória no Padre Severino a partir do enfoque na expectativa. Para isso, descrevo, o momento do "acolhimento", que configura o primeiro contato dos adolescentes com o Padre. Por ter sido a primeira atividade que acompanhei, o "acolhimento" entrelaça a minha inserção naquela Unidade como pesquisadora com a entrada dos adolescentes enquanto internos provisórios. Além disso, a relevância de sua descrição se configura na medida em que a direção me informou que aquele momento tinha sido criado para que os adolescentes pudessem expor suas demandas e expectativas em relação àquela passagem pelo sistema socioeducativo, e, por

[5] Apesar do título se referir a "Dom Bosco", opto também por usar o antigo nome da Unidade, "Padre Severino", tendo em vista que os adolescentes só utilizavam essa nomenclatura.

[6] Tenho consciência de que o debate que gira em torno de se tratar ou não uma medida socioeducativa como punição é amplo, sobretudo quando se discute sobre maioridade penal, e não pretendo nesse momento dar conta de todas as questões que se relacionam com essa temática. Meu foco será na perspectiva que os adolescentes têm daquela medida, e não na discussão jurídico-legal sobre a função da medida. Apenas menciono o que a Lei nº 12.594/2012 que instituiu o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) diz em seu artigo 1º, ao elencar os objetivos de uma medida socioeducativa: "§2º [...] I – a responsabilização do adolescente quanto às consequências lesivas do ato infracional, sempre que possível incentivando a sua reparação; II – a integração social do adolescente e a garantia de seus direitos individuais e sociais, por meio do cumprimento de seu plano individual de atendimento; e III – a desaprovação da conduta infracional, efetivando as disposições da sentença como parâmetro máximo de privação de liberdade ou restrição de direitos, observando os limites previstos em lei."

[7] A Coordenadoria de Execução de Medidas Socioeducativas (CEMSE) do DEGASE (Departamento Geral de Ações Socioeducativas) me informou por e-mail que o período médio que um adolescente permanece na internação provisória no Padre Severino é de 18 dias, e o tempo médio de internação no ESE era de 161 dias, considerando um levantamento realizado entre 2016 até o início de julho de 2017.

sua vez, era uma oportunidade que os diretores e corpo técnico teriam para dizer o que eles esperavam dos adolescentes durante aquele período.

Em seguida, começo a pensar a expectativa a partir das narrativas dos adolescentes que obtive por meio das entrevistas, acerca do que eles esperavam e pensavam sobre o futuro e de que maneira eles poderiam ter alguma ingerência sobre a passagem pelo sistema socioeducativo, dando destaque ao papel do relatório das técnicas e da audiência para isso. Por fim, descrevo de que maneira os adolescentes eram divididos entre os três prédios do Padre Severino – a Comarca, a Capital e a Protetiva – relacionando essa divisão com as reflexões sobre a expectativa e, posteriormente, na maneira pela qual essa divisão revelava moralidades compartilhadas entre os adolescentes, influenciando na percepção de qual dos prédios era o melhor, ou o mais *sujo*.

1. O acolhimento

[14 de outubro de 2016]

Todos os dias, às 09h00, vinte novos adolescentes ingressavam na Unidade Provisória CENSE Dom Bosco (Padre Severino), vindos do Centro de Triagem (CTR) para ali permanecerem até a data de sua audiência. A esse momento, era dado o nome de "acolhimento", e era uma prática relativamente recente, que tinha sido adotada em uma tentativa de melhor receber os adolescentes e atender às suas expectativas, conforme me foi explicado pela direção. Foi essa a primeira atividade de acompanhei enquanto pesquisadora autorizada pelo DEGASE e pela Justiça. A sugestão me foi dada pela própria direção e me parecia um bom começo para melhor conhecer como as coisas funcionavam por ali. Tanto eu quanto eles estávamos ingressando no mesmo momento no Padre Severino, apesar de alguns daqueles adolescentes já terem passado por ali antes.

Cheguei cedo e fui direto à sala da direção. Um dos diretores me levou até o local em que estavam as técnicas que participariam do acolhimento e me apresentou como pesquisadora. Naquela manhã, eram duas pedagogas, uma psicóloga, e uma enfermeira. Todas mulheres. Essa "equipe técnica" mudava todos os dias, havendo um rodízio entre as técnicas da Unidade para participarem do "acolhimento". Às vezes, um membro da direção também participava.

Sentamos em um banco de cimento, e ficamos aguardando mais ou menos 30 minutos até que os adolescentes estivessem organizados pelos agentes na sala em que o acolhimento ocorria. As técnicas se mostraram interessadas na minha pesquisa e uma delas se colocou à disposição para qualquer ajuda que eu precisasse. Uma delas me disse que estávamos aguardando porque os adolescentes estavam tomando banho. Achei curiosa a forma enfática que ela deu para o banho e perguntei se eles não tinham acesso a um chuveiro no Centro de Triagem, ao que ela respondeu que o acesso não era o ideal, e que esse banho que eles tomavam quando chegavam ao Padre era um "banho descente", depois de alguns dias sem um "banho de verdade".

Após o sinal de um agente para nós, entramos na sala em que os adolescentes aguardavam sentados em cadeiras brancas de plásticos, perfilados em duas ou três linhas, ocupando pouco menos da metade da sala. As cadeiras estavam organizadas de maneira que formassem uma espécie de plateia. Entramos e ficamos de pé, também formando uma fila, todas nós de frente para os adolescentes. Eu observava em silêncio, próxima à psicóloga, que sugeriu que eu a acompanhasse. Na sala, além de mim, dos adolescentes, e da equipe técnica, havia ainda dois agentes: um homem e uma mulher – a agente feminina. Em todo plantão de agentes, havia sempre uma única mulher. Ela estava sentada próxima a porta, de frente para os adolescentes, dando a eles um número de matrícula, e explicando que dali para frente, esse número seria a forma de identificação de cada um deles dentro da unidade.

O cheiro da sala era muito forte, um cheiro que nunca tinha sentido, e não era o que eu esperava depois de ter a informação de que eles tinham acabado de sair do "banho de verdade".
Suas roupas já eram as que os internos usavam. Short azul e blusa branca, e alguns de casaco azul. Alguns tinham chinelo, outros não. Todos seguravam um pequeno pedaço de sabão de coco, que havia sido distribuído para cada um. Um cortador de unha era passado entre eles, para que todos as cortassem.
Enquanto isso ocorria, uma das técnicas começou a explicar o que aquele momento deveria representar para cada um daqueles adolescentes. Um momento de reflexão, e uma oportunidade para que a vida mudasse. Aquela *passagem*[8] deveria ser vista não como uma punição, mas de forma positiva. Em seguida, outra técnica explicou as possíveis medidas socioeducativas que o juiz poderia dar a cada um deles. Para isso, ela solicitava que os adolescentes que soubessem explicar participassem. Um deles sabia de todas as medidas possíveis e respondia explicando a diferença, por exemplo, de uma medida de internação, para uma de semiliberdade, ou de uma liberdade assistida. Alguns riam dele, outros ouviam em silêncio. Uns cochichavam entre si quando o agente que estava próximo à porta gritou, de forma ríspida, que já tinha explicado a eles que eles deveriam permanecer calados. Em resposta a isso, uma pedagoga que estava do meu lado reclamou, sussurrando para mim, desse tipo de atitude, que para ela representava um retrocesso e uma barreira que as técnicas tinham que lidar, dando a entender que a conduta de determinados agentes ia de encontro com o que elas estavam tentando passar para os adolescentes.
Após todas as técnicas se apresentarem e darem as breves explicações a que mencionei, elas se sentaram em cadeiras, que eram acompanhadas de pequenas mesas, enfileiradas e posicionadas de frente para a plateia de adolescentes. Cada um deles agora deveria se dirigir a cada uma das técnicas para pequenas entrevistas individuais. Me posicionei entre a psicóloga e uma pedagoga para ouvir o que as duas faziam.
A psicóloga fazia perguntas básicas como: nome, idade, telefone de contato dos pais ou responsáveis e local de moradia. Alguns não sabiam o telefone de ninguém e teriam de aguardar que alguém fosse procurar por eles ali. Também perguntavam o que eles precisavam que os pais trouxessem para eles, como toalha, escova de dente, ou chinelo.
As pedagogas perguntavam se eles estavam estudando antes de serem presos, e, caso não estivessem, qual série tinham parado e qual a última escola que tinha frequentado. Além disso, perguntava se tinham interesse em frequentar aulas na Unidade ou outra atividade como a horta. Ouvi somente dois adolescentes responderem que estavam estudando, e todos disseram ter interesse em frequentar aulas no Padre, ou de participarem de atividades na horta.
Não acompanhei o questionário da enfermeira, mas posteriormente ela me disse que perguntava se eles tinham algum problema de saúde, se tomavam algum remédio, e se usavam alguma droga. Os casos mais graves eram encaminhados a enfermaria e se havia uso de algum medicamento fundamental se buscava providenciá-los.
Nenhuma pergunta era feita sobre o ato infracional cometido.
O acolhimento durou aproximadamente uma hora. Agradeci às técnicas por me receberem e deixei a Unidade.

O momento do "acolhimento" que descrevi acima já pôde me transmitir uma série de impressões que fui observando ao longo de toda a pesquisa. A tentativa de "acolher" e de transformar aquela passagem em uma experiência positiva denota todo o esforço da direção e da equipe técnica em dar subsídios para que aqueles adolescentes quisessem *mudar de vida.* A expectativa deles, transmitida discursivamente no "acolhimento", é que os adolescentes considerem a passagem como uma oportunidade para a *reflexão* e, como consequência,

[8] O termo *passagem* é usado pelos adolescentes para se referirem à quantidade de vezes que eles já tinham estado no sistema socioeducativo.

percebam que a vida que levam não era a melhor opção. Por outro lado, e às vezes observado como um empecilho para que esse objetivo seja realizado, algumas técnicas apontam o tratamento dos agentes como algo distanciado do ideal socioeducativo, como se pode perceber por meio do comentário que a pedagoga fez para mim sobre a fala do agente durante o acolhimento.

Além disso, também me chamou atenção o papel exercido pela agente feminina. Ela estava ali para fazer um trabalho que não era semelhante aos dos demais agentes, e exercia funções mais ligadas às tarefas burocráticas e não à fiscalização dos adolescentes. Essa distinção entre o masculino e o feminino também era evidente entre os distintos papéis atribuídos aos agentes e às técnicas, que apesar de não haver uma regra que determinasse que mulheres deveriam exercer essa função, durante o período em que estive fazendo a pesquisa, não conheci nenhum técnico homem.

Apesar dessa tensão entre os agentes e as técnicas guardar uma interessante discussão sobre gênero, não pretendo me aprofundar nessa questão por não ser o foco desse artigo, mas menciono aqui porque acredito que esse conflito revela a maneira pela qual cada um desses atores compreende a passagem daqueles adolescentes pelo sistema socioeducativo. Os agentes fiscalizavam os adolescentes[9], e a equipe técnica se aproximava mais deles, sob a perspectiva do cuidado.

Apesar do contato dos agentes com os adolescentes ser constate, o papel de conversar com eles era da equipe técnica. Pedagogas, psicólogas, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, dentre outras, eram as responsáveis por acompanhar os adolescentes para realizar entrevistas para compor um relatório que era fundamental para o julgamento deles, já que integrava o processo e seria encaminhado ao juiz que definiria a medida a cada adolescente, conforme explicarei melhor em seguida.

Como percebi desde o acolhimento, havia uma preocupação entre as técnicas de enfatizar o que aqueles adolescentes poderiam ser para além do crime. O que explica o fato de nenhuma pergunta sobre o ato infracional ser feita aos adolescentes durante o "acolhimento". Como uma psicóloga me explicou, ali elas tentavam diminuir a imagem do criminoso e buscar que os adolescentes pudessem ver neles mesmos algo diferente disso, algo como "o que você pode se tornar para além de um criminoso".

Portanto, se observa, a partir da exposição do momento do "acolhimento", que representava a minha inserção no trabalho de campo, e a institucionalização daqueles

[9] Essa relação dos agentes com os adolescentes é mais complexa do que expus aqui, havendo também uma atitude de cuidado por parte deles, mas que não é o foco de discussão deste artigo.

adolescentes enquanto criminosos, algumas moralidades relevantes e que me ajudaram a pensar nas distintas perspectivas que pude observar na minha pesquisa. Avanço, então, para refletir mais sobre a experiência da internação provisória, mas agora, a partir da fala deles.

2. As expectativas

> **[Caio]** O importante da *cadeia* é esquecer a rua. Já ta preso, não tem como tu sair, não vai ficar pensando na rua. Tem que se adaptar com a *cadeia, fi*. Até o tempo, a etapa, que tu vai tirar, tem que se adaptar com a cadeia, sem pensar lá fora. Por causa de que se tu vai ficar com a mente lá fora, tu vai ficar tipo ansioso, doido pra ir embora. Pode até passar mal. Agora, esqueceu a rua, *fi*, se adapta com o ambiente da cadeia, tira tranquilo, tira tua etapa. A etapa que tu tiver que tirar, tu vai tirar. Quando a juíza te der tua liberdade. Quando ela te der o Criam, tem que esperar a carta descer pra tu poder ir embora de CRIAM [CRIAAD]. Que ai o CRIAAD já é a semiliberdade, fica de segunda a sexta, final de semana tu passa com a família, e a segunda tu volta. E a liberdade assistida (LA) é a que tu responde na rua. Só vai lá assinar mesmo e tu volta pra casa, responde na rua. E é isso. Ninguém nasceu aqui dentro, *fi*. É longo, mas não é perpétua. Aqui não é Estados Unidos pra tu ficar preso pra sempre, nem ser condenada à cadeira elétrica.

Compreender a experiência da internação provisória a partir da perspectiva daqueles adolescentes foi um esforço que realizei ao longo das entrevistas. Os fluxos de entrada e saída podiam ser contínuos para alguns daqueles adolescentes, como, por exemplo, Allan que fez catorze anos no Padre Severino, foi solto, ficou dois meses na rua e foi preso novamente; ou Gabriel que ficou um ano e seis meses na internação da EJLA e depois de seis dias na rua, foi preso de novo; ou ainda Jairo que passou cinco aniversários preso, entre as suas nove passagens pelo DEGASE.

Devo esclarecer, desde já, que todos os adolescentes que entrevistei, por conta do próprio método de pesquisa adotado, tinham várias passagens pelo sistema socioeducativo, o que explica a narrativa sobre a entrada e saída contínua deles. Essa era, inclusive, a visão continuamente passada para mim pelos agentes, que afirmavam que a internação fazia parte da vida daqueles adolescentes. Até mesmo, um professor da escola que ficava dentro da Unidade e que dava aula em outras escolas públicas comentou comigo sobre a existência do que ele chamou de "linha do tempo": os adolescentes que ele conhecia desde o primário como problemáticos, eram alunos dele no ensino fundamental, depois dentro do DEGASE, e mais tarde acabavam no sistema prisional. Entretanto, devo acrescentar que, apesar dessa imagem, ao folhear as fichas de todos os adolescentes que estavam no Padre enquanto fiz a pesquisa, vários indicavam terem sido apreendidos pela primeira vez[10].

[10] Como minha pesquisa não foi quantitativa, não realizei uma análise estatística em relação a isso, assim, somente aponto aqui os relatos que obtive em minhas entrevistas.

A visão de que aqueles adolescentes que estavam ali eram sempre os mesmos, por serem continuamente apreendidos, e, por outro lado, as várias fichas que indicavam a primeira passagem no sistema socioeducativo, me instigavam a questionar os adolescentes sobre a maneira pela qual eles pensavam a experiência que eles tinham durante a internação, tentando compreender o que aquela passagem significava para eles, em termos de expectativa para além daquele espaço.

A primeira percepção que tive era de que aquela etapa era um ponto de *reflexão*. Transcrevo, nesse sentido, a resposta de Felipe quando lhe perguntei o que a internação representava para ele e, em seguida, a fala de Alexandre sobre a audiência que ele teve na Justiça:

> **[Felipe]** A pessoa vem pra cá pra *refletir,* já pensei na minha filha... minha filha chamar outra pessoa de pai, como... Já pensei também... vou parar com esse bagulho, que é melhor, como... já acabou. De menor já zoei muito, já roubei muito, já, pah... já parar pro roubo, já se aposentar. **[Luana]** Se aposentar com 18 anos? **[Felipe]** Claro... cada um com seu cada um.
>
> **[Alexandre]** A juíza tava dando vários conselhos, falando pra eu sair da vida, que não tinha necessidade. Eu *refleti.*

Pensar aquele momento como um lugar de *reflexão* era uma visão que ouvia frequentemente nas minhas entrevistas. Inclusive, alguns adolescentes com os quais pude fazer mais de uma entrevista, vinham com novos pensamentos à medida que o tempo que estavam ali passava, ora dizendo que queriam "*mudar de vida*", ora dizendo que queriam "*voltar para o crime*". Além disso, por ser uma unidade provisória, os adolescentes tanto estavam na expectativa da medida que lhes seria imposta, quanto pensavam no que fazer quando saíssem para a rua. Em uma entrevista que fiz com Marlon, isso se torna evidente:

> **[Luana]** O que você espera da audiência? **[Marlon]** Eu to esperando os três, internação, CRIAD, ou LA. Mais fácil eu ganhar um CRIAD, porque eu rodei sem nada. **[Luana]** O que você pensa em fazer quando sair daqui? **[Marlon]** Vou ficar tranquilo na rua, ajudar minha mãe. Ainda mais agora, vou voltar a estudar, terminar os estudos, vou fazer escola militar, depois vou entrar pra aeronáutica, exército, PQD. **[Luana]** E você acha que aqui é um lugar pra refletir? **[Marlon]** ah, às vez faz às vezes não. Toda hora tu tem uma coisa na cabeça. Os funcionário ai, toda hora te enche o saco, dá logo agonia. Na internação eu era tranquilão, eu falava que não ia mais voltar aqui, mas aqui toda hora eu fico na mente, que eu vou voltar, vou sair pra rua, vou matar de novo. Fico pensando na minha família lá fora. Na minha mulher... é foda. Tá longe da família. Não pode dar um abraço, não pode dar nada.

O mais comum era que os adolescentes dissessem que queriam *mudar de vida*, pensando em seguir a vida *tranquilamente*. Era comum que a categoria *tranquilo* se contrapusesse à vida que eles consideravam ter. Além disso, também era frequente que eles

dissessem que pretendiam trabalhar e *mudar de vida.* Mas o que mais me chamou a atenção foi a regularidade que a figura da família, sobretudo da mãe e de um filho que acabava de nascer, ou nasceria em breve, surgia como um fator relevante para que eles quisessem não voltar ou permanecer na cadeia.

> **[Luana]** Qual sua expectativa quando sair daqui? **[Caio]** O que eu tava já fazendo, seguir a vida *tranquilamente*. **[Luana]** Pensa no futuro? **[Caio]** Penso no futuro, quero dar um futuro melhor pras minhas filhas. Na minha filha, no meu filho que vai nascer ai, minha irmã mais nova.
>
> **[Michel]** Eu falei pra minha mãe que quando eu sair daqui eu *vou mudar de vida...* E tipo, como, eu passei o meu aniversário preso, minha mão tava até falando com a técnica, "não pode trazer bolo não?" Ai eu falei, "não pode não mãe, o presente de aniversário agora vai ser eu que vou estudar." Aí ela falou, "é isso, gostei de ver." Eu falei, "quando eu sair vou *mudar de vida,* estudar, trabalhar, quero mais isso não."
>
> **[Gabriel]** Quero sair daqui e *mudar de vida*, dar orgulho pra minha mãe, ela já sofreu muito.

O mais interessante nessa reflexão foi observar que as distintas expectativas que cada adolescente tinha influenciavam na maneira pela qual cada um pensava a passagem pela Unidade e dentro do sistema socioeducativo. Quando um adolescente queria *mudar de vida*, a internação era considerada uma punição que deveria ser cumprida para que pudesse ficar *tranquilo* na rua, sem dever nada à Justiça. Por outro lado, aquela *passagem* poderia significar uma etapa da *vida* que viviam, sem que eles pretendessem *mudar*, um momento que faz parte, mas que pausa e atrapalha a continuidade do crime, que não está ali dentro, mas lá fora. Os trechos de entrevista abaixo revelam essas dinâmicas:

> **[Luana]** E no CRIAAD, as pessoas cumprem a medida, ou não?[11] **[Gabriel]** Com todo respeito, quem quer *mudar de vida* mesmo cumpre, quem não quer, já sai fora.
>
> **[Luana]** Vai pular o CRIAM? **[Edilson]** Vou nada, agora vou cumprir. Já dois CRIAM pulado[12]. Se ela me der CRIAM vou cumprir agora, melhorar minha vida, dando só desgosto pra minha família.
>
> **[Marlon]** O crime é lá fora, não é aqui dentro... não tenho crime nenhum aqui, o que que eu vou fazer aqui dentro? Nada.

Um caso curioso que reflete essa questão que interliga a relação entre a medida imposta, o seu cumprimento e a expectativa para fora do sistema foi o dilema de Paulo, que

[11] A medida de semiliberdade é cumprida nos chamados CRIAAD (antigamente CRIAM, o que justifica a continua referência a esta nomenclatura) e depende do compromisso de cada adolescente para seu efetivo cumprimento, já que eles saem aos finais de semana, com acompanhamento dos responsáveis, e retornam na segunda-feira para passarem a semana na Unidade. Para saber mais sobre as relações dos adolescentes com essas Unidades, sugiro a pesquisa de Lyra (2013), realizada no CRIAM de Nova Iguaçu (à época ainda não recebia o nome de CRIAAD).

[12] "*pular"* é um termo bastante usado pelos adolescentes para se referirem ao descumprimento da medida de semiliberdade, significando a evasão, a fuga dos adolescentes, que podia ser dar, literalmente, pulando os muros da Unidade. A evasão também ocorre quando o adolescente não volta à Unidade depois do final de semana.

queria *mudar de vida* e que preferia ganhar uma internação do que um CRIAAD porque seria mais fácil de cumprir, já que não dependeria de sua disciplina: "a internação é mais fácil pra cumprir, porque o CRIAAD vou no final de semana pra casa, vou fumar maconha o dia inteiro, e não vou querer voltar pra cumprir. Pretendo uma internação mesmo, porque não tenho como sair."

a. A ingerência da expectativa

> **[Wagner]** Se eu for pra mansão, eu vou sair mais rápido, porque vou falar com as técnicas, vou mandar meus papos. Vou pedir pra ela me botar num curso, já vou entrar no curso, aí diminui. Eu vou mostrar que, *como,* eu to empenhado nesse negócio aí, vou estudar, não vou faltar um dia, e vou botar uns papos nela, aí ela vai me botar em uma audiência. No ESE não tem curso, não tem nada. Aí vou pedir pra me transferir de lá pra cá. Já tirei duas vezes na *mansão* [EJLA], tomara que ela me mande de novo pra lá, que na *mansão* já vou embora mais rápido. tá tendo toda terça audiência, aí vou mostrar que tô empenhado, que quero sair dali *mudado.* Mas também não vou mostrar na mentira, vou mostrar na verdade, porque não vou querer ficar nessa toda hora. Já quase 18 anos, por isso vou ficar *tranquilo.*

Wagner, um adolescente que já havia cumprido uma medida de internação na EJLA, por meio desse relato, me despertou para uma reflexão: a maneira pela qual os adolescentes percebem os critérios pelos quais eles são julgados para receberem ou não uma medida e se apropriam de mecanismos que eles entendem pertinentes para que tenham alguma ingerência sob essas expectativas. Em outras palavras, os adolescentes buscam dizer e fazer coisas que possam auxiliá-los a sair da internação, ou ganharem uma medida de liberdade assistida na audiência.

Isso se dá, sobretudo, por meio do relatório que as técnicas realizam. Como já expliquei, esse relatório segue diretamente para o juiz que vai julgá-los, tanto para determinar a medida inicial, quando para decidir quanto ao fim do cumprimento de uma medida de internação ou de semiliberdade. Isso decorre do fato de que, de acordo com o ECA, os adolescentes não recebem um tempo exato que devem cumprir de internação e por isso são avaliados periodicamente para saber se continuam ou não presos.

A fala de outros adolescentes em relação às audiências demonstra que essa tentativa de ingerência também ocorre quando eles estão diante dos juízes. Inclusive, acredito que essas falas demonstram que os adolescentes compreendem o discurso de "família desestruturada" tão comum e recorrente quando se quer caracterizar os "adolescentes em conflito com a lei". Tendo a consciência de que essa imagem contribui negativamente para seu julgamento, eles buscam demonstrar que tem uma mãe, e, como consequência, construir a imagem de "estrutura familiar", o que poderia afastá-los da caracterização de criminosos.

> **[Luana]** Você falou [para a juíza] que não tava recebendo visita? **[Alexandre]** Não, eu ia falar, mas não falei não, com medo dela mudar de ideia. **[Luana]** Ela podia te dar uma internação por isso? **[Alexandre]** Claro.
>
> **[Edilson]** Minha mãe vai levar o coisa [documento que confirmasse a matrícula] da minha escola também [para a audiência], pra ajudar mais. **[Luana]** E sua mãe estar lá, ajuda? **[Alexandre]** Ajuda, pelo menos não pensa que tá abandonado, tipo, a juíza não pensa que eu não tenho pai nem mãe.

b. Os prédios

> **[Paulo]** Nós é da Comarca, *do convívio,* só *bandido, ladrão,* só quem vai dar continuidade na *pista*, na rua. Capital é quem vai ficar *tranquilo, mudar de vida*. E lá na protetora, é *vacilão.* Nós ali é só quem vai continuar na mesma vida na rua. Vai chegar, vai dar continuidade, vai meter a mão, ai tem que ir pra dentro.
> [Em seguida, Paulo descreve um possível diálogo com um funcionário] O funcionário pergunta. "Tu vai virar o que quando sair?" "Bandido". Bum [manda para Comarca]. "vou virar *bandido,* já sou *bandido*". Eles [funcionários] pergunta: "Tu vai sair vai fazer o que?" "Vou virar pastor, vou fazer isso". [Manda pra] Capital. "Tem mancada na pista? Já roubou ônibus, já roubou táxi?" "Tem, então vai lá pra protetora."

Ao saírem do momento do acolhimento, narrado no início desse capítulo, os adolescentes são levados ao pátio central da Unidade, onde os agentes costumam permanecer sentados ao redor de uma mesa. Nessa mesa costuma ficar o *prancheta,* agente que fica com a relação entre o número de cada adolescente e o número do alojamento em que estão. Naquele momento, os adolescentes sentam em fileiras, com as mãos para trás e a cabeça baixa, e aguardam que os agentes determinem em qual prédio e alojamento cada um deles ficará. Para isso, os agentes realizam uma pequena entrevista com cada um, conforme a transcrição de Lucas explica. São três prédios nos quais os adolescentes podem ser alocados: a *Comarca,* a *Capital* e a *Protetiva.*

Essa nomenclatura não se relaciona com o local de apreensão ou de moradia dos adolescentes, portanto, estar no prédio da capital não guarda qualquer relação com morar ou não no município do Rio de Janeiro. A primeira apresentação que tive dos três prédios foi na visita que realizei sob condução da direção, ocasião em que ela me explicou que o prédio da Comarca era o motivo de descontentamento e de vergonha da Unidade, já que estava em péssimas condições, era escuro e antigo, mas ainda assim recebia a maior parte dos internos. A construção era, de fato, a mais antiga das três, e constituía a parte remanescente do antigo prédio do Padre Severino. A Capital já possuía instalações mais modernas, era um prédio mais novo e recebia, em sua maior parte, adolescentes de primeira passagem. A Protetiva tinha sido o último prédio construído, e por isso tinha a melhor infraestrutura.

Essa visão foi a que a direção me transmitiu, e não pude avaliar de maneira tão completa segunda a minha perspectiva, já que conheci apenas os alojamentos da Comarca. Nos dois outros prédios, somente entrei em áreas centrais, sem conhecer os alojamentos, mas, para mim, essas áreas eram visivelmente mais novas, mais arejadas, mais iluminadas e amplas do que a Comarca.

Conheci a Comarca, em um momento em que os adolescentes daquele prédio estavam no pátio, e um agente se prontificou em me levar para conhecê-lo. As anotações que fiz em meu diário de campo nesse dia, o descreviam como um prédio cinza, escuro, constituído por concreto e vigas de ferro, onde eu me imaginei com dificuldades de dormir. O chão era escorregadio, levemente molhado, e eu andava em passos curtos. Havia oito camas em cada um dos alojamentos, algumas com um colchão, outras não. Toalhas penduradas próximas a janela. Um banheiro que não tinha porta em cada alojamento, com um vaso sanitário, sem tampa, e um chuveiro em cada um deles. O agente me mostrou, inclusive, inscrições nas paredes feitas com gomas de marcar e papel molhado, nas quais constavam nomes de facções do Rio[13], dentre outras palavras e siglas que não consegui decifrar. Uma dessas siglas que não conhecia era "FM", que o agente me explicou que significava "família menor", que representava o Terceiro Comando e a ADA, que ficavam juntas nos quatro últimos alojamentos daquele prédio.

Voltando à divisão que os agentes estabelecem entre os adolescentes, a primeira e mais simples se dava em facções[14], tendo em vista o local de moradia de cada um deles. Felipe, o único adolescente que entrevistei que não era do Comando Vermelho, me explicou: "**[Felipe]** ADA e Terceiro fica junto, só não fica o Comando. **[Luana]** Não mistura com o comando, né? **[Felipe]** Tá maluco, se não a gente... um mata o outro. Um mata o outro lá dentro. [15]

Para além do critério de facções, me interessa pensar na descrição que Paulo estabelece na transcrição que abre essa seção, relacionando a divisão de prédios com a expectativa de *dar continuidade na pista* ou de *mudar de vida.* Sua fala enfatiza a perspectiva que cada adolescente tem para além da internação e a relaciona com a divisão física

[13] Comando Vermelho, Terceiro Comando Puro e Amigo dos Amigos.

[14] Apesar de ter escrito que quem estabelece essa divisão eram os agentes, não acredito que é a forma mais coerente de atribuir a responsabilidade por essa separação, já que essa divisão vem das facções, de fora para dentro, e não são exatamente os agentes que a estabelecem. Eles apenas organizam uma divisão já estruturada na estrutura física do Padre, para evitar confusões.

[15] Essa divisão em facções é recorrente em presídios e unidades socioeducativa no Rio de Janeiro. Inclusive, é comum que existam presídios separados para cada facção. No Padre Severino, a maior parte das atividades, como pátio, escola, e refeições ocorre com os adolescentes separados por facções, contudo, na visita, que ocorre em um único dia da semana, no sábado à tarde, os adolescentes ficam juntos. Eles me explicavam que ninguém ia querer dar confusão e arrumar briga naquele momento no qual estavam com os familiares, que eles mereciam respeito e que não fazia sentido que eles quisessem arrumar problemas entre si, porque não era interesse perder o momento com os pais para isso.

estabelecida no Padre Severino. A Comarca é o *convívio,* é o lugar dos *ladrões e bandidos,* que querem *dar continuidade na pista*; a Capital é para quem quer *mudar de vida.*

Entretanto, observo que o critério que ele narra como determinante de quem vai ou não para a Protetiva está focado não na expectativa, mas sim em um fato passado que caracterizaria a *mancada.* Isso se torna visível inclusive em uma análise dos tempos verbais que ele usa para descrever as perguntas que os agentes fazem para eles: *"Tu vai virar o que [...]?" "Tu vai sair vai fazer o que?"*, se referindo ao futuro, em contraposição às perguntas *"Já roubou ônibus, já roubou táxi?",* utilizando-se do pretérito.

Essas reflexões sobre a divisão entre os prédios me chamaram à atenção para duas questões: a categoria *mancada,* ou *vacilão* e a percepção de sujeira/impureza que decorre dessa categoria, como tentarei refletir agora.

c. O *seguro*

A Protetiva, também chamada por eles continuamente de Protetora, ora era considerada o *seguro*, ora um prédio que receberia os adolescentes mais novos, de forma a "protegê-los" da má influência dos adolescentes já mais envolvidos com o crime. Essa visão, inclusive, me foi exposta por um agente que me explicou que colocavam na Protetiva os adolescentes mais "vulneráveis", que não tinham a "índole criminosa", para que não fossem influenciados pelos demais.

Tentando compreender a categoria *mancada*, cito a fala deles:

> **[Luana]** E a protetiva? **[Thiago]** É os *vacilão*, estrupador, estrupa a mãe... os *vacilão* mesmo, que não merece ficar no nosso meio. **[Luana]** Isso é regra da cadeia, ou do crime? **[Thiago]** Do crime, se eles ficar, nós vai pegar eles. Se eles ficar no nosso alojamento, é caso até de morte. Tipo assim, uma suposição, tu sou eu, tu não ia querer ficar com um estrupador no teu alojamento. **[Luana]** E assalto de ônibus? **[Thiago]** Também, ai é *mancada*. **[Luana]** É igual a *vacilão*, é a mesma coisa? **[Thiago]** É.
>
> **[Thalisson]** *Convívio* é Comarca.... Protetiva são aqueles que não pode ficar no *convívio* porque pode apanhar até morrer.

Assaltos a ônibus, táxi ou vans, e praticar estupro são atitudes consideradas *mancada*, que são praticadas pelos *vacilão.* Alguns adolescentes também diziam que homossexuais deveriam permanecer no *seguro*[16], apesar dele não ser caracterizado como *vacilão*, o que se enquadra em outra discussão que não desenvolverei agora, mas não poderia deixar de mencionar aqui.

[16] "**[Luana]** E na protetiva, eles que escolheram ficar lá? **[Marlon]** Não, eles têm *mancada... viado...*"

Os agentes diziam que tinham de separar os adolescentes que tivessem *mancadas* dos demais, que não poderiam ficar no *convívio,* porque eles acabavam se matando dentro dos alojamentos. Era, portanto, uma forma de evitar confusões e problemas para eles. Um dia em que estava próxima aos agentes, eles comentavam entre si que um adolescente tinha "dado mole" porque não tinha dito que havia praticado um roubo dentro do ônibus, e como os agentes não sabiam, não o colocaram no *seguro*, o que, segundo eles, poderia ter custado a vida daquele adolescente. Além disso, um dos meninos, durante uma entrevista, me narrou um espancamento no qual ele tinha participado dentro do alojamento em que ele estava, porque um dos adolescentes tinha "pegado santo" e o santo teria apontado dois adolescentes como *vacilão:* um era X9[17] e o outro era estuprador. Os adolescentes apanharam a noite inteira de todos os demais, mas não morreram.

Essa imagem de *mancada* também era muito associado à imagem do adolescente que fica de *fanfarronagem,* o adolescente que não respeita os outros, que arruma confusão e que cria problema com os agentes.

> **[Michel]** Ai eu já fui direto pra protetora. **[Luana]** Lá é ruim? **[Michel]** Lá, tipo, como, eu não gosto nem desses menor. Hoje eu tava de madrugada dormindo, várias gentes, os menor lá fica de *fanfarronagem,* mexendo no cabelo, linha assim no meu ouvido, fica negócio de enforcar, fica um batendo fight com outro. Lá tem um *menor*[18] grandão, que parece de *menor,* fica cantando igual criança, fica de putaria, cantando vários bagulho. Ai falei pra ele, mano, tu é grandão, bobão, quer ficar nessa daí, que nem criança, aí ficava falando várias merdas.
>
> **[Matheus]** [sobre a Protetiva] fica lá mais mesmo é *vacilão*, lá é certo ficar *vacilão*, mas tem muitos que tá lá que não é *vacilão*... Quando é primeira passagem... A maioria os funcionário joga lá. Quando vê que é *menorzinho,* pequeninho, que já vê que vai dar problema aqui, os funcionário já pega e bota pra lá. Não ouve, tu quer falar eles não vai escutar.

Toda essa categorização, tanto no que diz respeito à expectativa que os adolescentes têm ao sair da Unidade, quanto no que se relaciona com o que o adolescente praticou antes da internação, revela uma moralidade que se verifica na divisão deles naqueles três prédios. Em outra estrutura analítica, como mencionei acima, observei de que maneira essas moralidades influenciam na visão que eles tinham sobre a *sujeira* na Unidade.

Essa percepção se deu quando ao final do trabalho de campo eu tinha a imagem de que a Protetiva, ou neste caso seria melhor chamar de *Seguro* era o prédio mais *sujo* dentre todos

---

[17] O *x9* é o traidor, que entrega informações relativas aos criminosos para a polícia ou para uma facção rival. *Xisnovar* é o que o X9 faz.

[18] Interessante observar como a imagem do *menor* está associada à *fanfarronagem,* o adolescente que dá problemas, também chamado de *bebel.* Todos ali era menores de idade, mas havia uma diferenciação entre os menos ou mais maduros, o que se torna perceptível na fala de Michel.

eles. A imagem que os adolescentes me passavam era de que o seguro era um lugar *impuro* em comparação aos outros prédios. Quando retomei minhas anotações do meu primeiro dia em campo, me assustei de ler que eu mesma tinha escrito que a Protetiva era o prédio mais moderno, mais claro, e com melhor infraestrutura. Foi quando me atentei que a percepção deles do que era *impuro*, estava atrelada à imagem dos *vacilão,* daqueles que tinham *mancada na pista,* ou, ainda, dos gays. Paulo deixa bem clara essa moralidade: "os funcionário perguntou se roubou ônibus, se tem *mancada*, alguns falam e vai direto pro *seguro*... Lá eles *fedem*. Seguro é *feião,* tá maluco, pegar piolho, *seguro,* os *vacilão*".

Em contraposição, a Comarca pode ser vista como limpa, e o melhor de todos os prédios:

> **[Luana]** E onde você tá? Na Comarca? **[Thiago]** Lá é o melhor de que todos, é o maior deles. Para mim é, tem piso até no banheiro. **[Luana]** Os outros não tem não? **[Thiago]** Não.

Assim, estar no *seguro* é ruim, pega mal, já que é um lugar *sujo.* Essa caracterização faz com que, às vezes, o seguro seja um lugar de *punição*, já que deixa a marca da *impureza.* Um dos meninos que entrevistei estava na Protetiva e quando eu perguntei a ele como se lá funcionava como seguro, tivemos o seguinte diálogo.

> **[Luana]** Lá funciona como *seguro?* **[Yure]** Eu não sou *vacilão* O plantão que eu cheguei aqui a juíza deu um papel pra quando eu chegasse aqui no CTR mostrar pra eu ficar junto com meu irmão. **[Luana]** E você gosta de estar lá? **[Yure]** Gosto nada, não sou *vacilão,* não tenho nenhum *mancada* na pista. Nas outras passagens eu tirei tudo na Comarca, no *convívio*...Não to gostando não.

Por outro lado, outros adolescentes que estavam na Capital narravam a Comarca como um lugar cheio, e que eles preferiam ficar na Capital mesmo, porque era mais vazio e *mais limpo.* Os adolescentes mais novos e com menor envolvimento com o crime tinham essa percepção da Comarca como um lugar mais sujo, enquanto os do *convívio* consideravam a Comarca o mais prédio mais limpo de todos. O diálogo entre dois adolescentes que entrevistei em conjunto e um outro que estava na Capital revela essas comparações:

> **[Luana]** Já ficaram na Capital? **[Diego]** Dizem que lá é mais *sujo* do que o da Comarca. **[Wagner]** Não é não, já fiquei lá, é mais *limpo* e tem menos gente. Fica 4 camas, ai fica só 4... 3..
>
> **[Luana]** Na EJLA era melhor? **[Vanderlei]** Melhor, tinha banho de piscina, banho de sol... Da Comarca aqui eles fala que tem rato, mais *sujo,* mas eles faz a limpeza também

Assim, as noções de *limpeza e sujeira* dos prédios estavam associadas à imagem do grupo de adolescentes que ocupava cada um deles, em diálogo com o que Mary Douglas

propôs ao dizer que "A impureza absoluta só existe aos olhos do observador" (p. 6, 1976). O *seguro* era representativo de adolescentes que não seguiam as moralidades que outros compartilhavam em relação às práticas criminosas – os do *convívio* –, e por consequência, simbolizava a *impureza,* entendida como "uma ofensa contra a ordem" (Douglas, 1976). Por outro lado, para os adolescentes que estavam em sua primeira passagem, a Comarca, que era o lugar dos que estavam mais envolvidos com o crime, podia ser um lugar *sujo.*

Esse sistema classificatório, além de se distanciar daquele que a direção me transmitiu, também se afastava do que eu via continuamente em jornais e reportagens sobre o Padre Severino, o que me auxiliou ainda mais a perceber as distintas percepções e moralidades entre os adolescentes, os funcionários e outros atores que tinham contato com a Unidade, como profissionais do Direito, ou jornalista. Pude perceber que analisar as "más condições" pela cor das paredes e do chão, e pela presença de ratos ou de lixo no chão, não dava conta do sistema classificatório dos adolescentes, já que havia outras moralidades que os adolescentes acionavam para entender a *sujeira* naquele espaço.

Assim, apresento aqui, pensando na particularidade do Padre Severino ser uma Unidade Provisória, de que maneira a expectativa que reside tanto na direção quanto nos adolescentes influencia na percepção da experiência da internação, no cumprimento ou não da medida imposta, e também na divisão entre os prédios da Unidade. Além disso, busquei revelar as distintas moralidades que percebi durante minha pesquisa, tanto em relação aos adolescentes, quanto em relação aos demais funcionários, dialogando com as expectativas em relação àquela passagem e com a noção de *sujeira e limpeza.*

Referências

DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976

LYRA, Diogo. República dos Meninos: Juventude, Tráfico e Virtude. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.

MALLART, Fábio. Cadeias dominadas: a Fundação Casa, suas dinâmicas e as trajetórias de jovens internos. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

MARQUES Adauto. "Crime, proceder, convívio-seguro": um experimento antropológico a partir da relação entre ladrões. São Paulo, dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

NERI, Natasha Elbas. "Tirando a cadeia dimenor": A experiência da internação e as narrativas de jovens em conflito com a lei no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, dissertação de mestrado: Instituto de Filosofia e Ciências Socais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.